

## 5. La conquista cristiana

En enero de 1187, Don Sancho I prometió entregar Juromenha a los freires de Évora, (llamada después orden de Avis), si conseguían conquistar la plaza, pero los acontecimientos no debieron desarrollarse según lo previsto, pues en 1193 la orden de Évora recibió el castillo de Mafra, quizá, como compensación por su contribución en la conquista de Silves (1189) «*ou mais provavelmente para a compensar do facto de a doação da Juromenha não se ter chegado a concretizar*»<sup>133</sup>. En realidad, solo fue un aplazamiento, pues Sancho I donó Juromenha a Gonçalo Viegas, de la orden de Évora<sup>134</sup>. Afonso II confirmó a Fernando Eanes, maestre de la orden de Avis, la donación efectuada por Sancho I a Gonçalo Viegas, maestre de la orden de Avis, de los castillos de Alcanede y Juromenha y la villa de Alpedriz <sup>135</sup>. Posteriormente, Sancho II donó Juromenha a Fernando Rodrigues Monteiro, maestre de Avis, a cambio de la villa de Mafra y su término (5 de mayo de 1237) <sup>136</sup>.

La donación de las poblaciones no coincide con la fecha de la conquista cristiana. En algunos casos la donación se hizo antes de la conquista, y en otras con posterioridad. Así, Carlos Eduardo da Cruz Luna señala que

*«...D. Afonso Henriques terá conquistado a povoação em 1167. D. Gonçalo Viegas, filho ou sobrinho de D. Egas Moniz, talvez já no tempo de D. Sancho I, tê-la-á recebido em doação, atravessando então o Guadiana e ocupando o lugar de Vila Real, embora pouco se saiba sobre a veracidade destes factos.*

*Os muçulmanos reocuparam a região, decerto entre 1169 e 1189, já que a data de 1242 referida em algumas enciclopédias como de “conquista moura”, estará decerto errada, pois sabe-se com razoável certeza ter o fidalgo D. Paio Peres Correia ocupado definitivamente a região por volta de 1220, 1230 o mais tardar...»*<sup>137</sup>.

Las *Memórias paroquias* de 1758 inciden en la dirección apuntada por Ana Paula Fitas y Carlos Eduardo da Cruz Luna:

*«...He esta Vila murada, e praca de armas; estao seu castelo, e muros no cume de hũ outeiro alto, sobre o rio, e eminente a ele, fica na Lusitania, em sitio bem asombrado: tem o castello dezassete torres, hũa dellas de maior grandeza, a respeito das mais. Foi*

---

133 GOMES MARTINS, M.: *A arte da guerra em Portugal: 1245 a 1367*, Imprensa da Universidade de Coimbra, F.C.T., 2014, p. 176.

En 1211, la orden de Évora recibió el lugar de Avis, que convirtió en su sede (orden de Avis).

134 FITAS, A. P.: *Olivença e Juromenha uma historia por contar*, Edições Colibri, Lisboa, 2007, p. 125; THEMUDO BARATA, M.; SEVERIANO TEIXEIRA, N. (directores): *Nova História militar de Portugal*, vol. I, Círculo de Leitores, 2003, p. 49; MATTOSO, J.: *História de Portugal*, vol. II, Lisboa, 1995, p. 93.

En la Torre do Tombo se conserva un documento de donación y confirmación del rey D. Sancho I de los castillos de Alcanede y Juromenha y la villa de Alpedriz (IAN/TT, Gavetas, Gav. 4, mç. 1, n.º 22, *Carta de doação, e sua confirmação, feita por D. Sancho, dos castelos de Alcanede e Juromenha e da vila de Alpedriz a ;Gonçalo Viegas?*).

135 IAN/TT, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, mç. 2, n.º 65, *Carta de confirmação de D. Afonso II, rei de Portugal a D. Fernando [Eanes], mestre da ordem de Avis, da doação de D. Sancho I a D. Gonçalo Viegas, mestre de Avis, do castelo de Alcanede, da vila de Alpedriz e do castelo de Juromenha com seus termos*.

136 IAN/TT, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, mç. 2, n.º 73, *Carta de doação de D. Sancho II, rei de Portugal a D. Fernando Rodrigues Monteiro mestre de Avis, do castelo de Juromenha, a troco da vila de Mafra e seu termo*.

137 DA CRUZ LUNA, C. E.: «Historia e declinio de tres povoações na fronteira», *op. cit.*, pp. 830-831.

*reparado das ruínas que lhe fez o tempo [antiguamente] por El Rey Dom Deniz, na geral reparação dos castellos deste Reyno; he lugar mui defenssavel, por natureza, cara, e sempre representa hũa veneravel antiguidade. Em contorno da Villa, forao achados muntos alisserces, columnas e bazes, no que mostra ter sido antiguamente lugar nobre, e grande, o que ja hoie nao he; he hoie da jurisdicao do Mestrado de Avis, que a deu Dom Sancho o primeiro, ao Mestre Dom Gonssalo Viegas, com os castellos de Mafra, Alpedriz, e Alcanede. A comenda, he cavalaria da Ordem, de que naquele tempo foi comendador, e alcaide mor, Dom Antonio de Azevedo Almeirante de Portugal...»<sup>138</sup>*

Se viene sosteniendo que la conquista de Juromenha se produjo en 1230, es decir, al tiempo que caían Badajoz, Elvas y Terena <sup>139</sup>. No obstante, el tema es objeto de polémica. Veamos algunos ejemplos:

- Mário Jorge Barroca, Nuno Severiano Teixeira, Francisco Contende Domingues y João Gouveia Monteiro fecham la conquista en 1230<sup>140</sup>.
- José Mattoso y Joaquim Veríssimo la sitúan en las mismas fechas (años 1229 y 1230) <sup>141</sup>.
- Otros sostienen que fue conquistada definitivamente por D. Paio Peres Correia en 1242.
- Fernando Branco no se inclina por ninguna de las dos fechas (1230 o 1242) y señala que la integración de Juromenha en el reino de Portugal sucedió en 1230 o 1242 <sup>142</sup>. En otra ocasión señala que la conquista definitiva e integración en Portugal ocurrió en 1242 por Paio Peres Correia, pasando a incorporarse a los dominios de la orden de Avis<sup>143</sup>.

Así mismo, algunos autores señalan que las plazas de Elvas y Juromenha fueron conquistadas por órdenes militares, de modo que cuando las tropas del rey Sancho II llegaron se limitaron a guarnecerlas<sup>144</sup>.

Ana Paula Fitas remonta los orígenes de la iglesia de Juromenha a 1229. Según esta autora, estuvo dedicada a Santa María, pasando después a la advocación de N<sup>a</sup>. S<sup>fa</sup> de Loreto<sup>145</sup>. En

---

138 A.N.T.T., Lisboa, *Memórias paroquiais de 1758*, tomo XVIII, pp. 311-317.

139 BRANCO CORREIA, F.: *Elvas na Idade Media*, Câmara Municipal de Elvas, CIDEHUS, Edições Colibri, Lisboa, 2013, p. 138 y 139; BARROCA, M.: *Terena. O castelho e a Ermida da Boa Nova*, *op. cit.*, p. 14; TRINDADE, L.: *Urbanismo na composição de Portugal*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 405.

Luis Marinho señala que fue conquistada por Sancho I que la donó a Gonçalo Viegas «*Mestre da ordẽ militar q entã se chamava Freiria Evora que depois se mudo para Avis*» (MARINHO D'AZEVEDO, L.: *Commentarios dos valerosos feitos qve os portvgvezes obraram em defesa de sev Rey & patria na guerra de Alentejo*, Lourenço de Amberes, Lisboa, 1644, p. 79; ALMEIDA DE, J.: *Roteiro dos monumentos militares portugueses*, Autoedición, Lisboa, 1947, vol. III, p. 199-200).

140 THEMUDO BARATA, M.; SEVERIANO TEIXEIRA, N. (directores): *Nova história militar de Portugal*, vol. I, Círculo de Leitores, 2003, p. 60; CONTENDE DOMINGUES, F.; GOUVEIA MONTEIRO, J.; SEVERIANO TEIXEIRA, N. (coord.): *História militar de Portugal*, A esfera dos livros, Lisboa, 2017, p. 601.

141 MATTOSSO, J. *Historia de Portugal*, vol II, Círculo de Leitores, 1993, p. 123; VERÍSSIMO SERRÃO, J.: *História de Portugal (1080-1415)*, 5<sup>a</sup> Edición, Editorial Verbo, 1995, p. 128.

142 BRANCO CORREIA, F.: «Espaços fortificados de época e influência islâmica na margen direita do curso médio do Guadiana», *op. cit.*, p. 79.

143 BRANCO CORREIA, F.; PICARD. C.: «Intervenção arqueológica no castelo de Juromenha», *op. cit.* p. 73..

144 BRANCO CORREIA, F.: *Elvas na Idade Media*, Câmara Municipal de Elvas, *op. cit.*, p. 139.

todo caso, el 6 de noviembre de 1255, el obispo de Évora, Don Martinho Fernândes, y el maestre de Avis firmaron un acuerdo sobre la división de los rendimientos y la presentación de los beneficiados de Coruche y Juromenha<sup>146</sup>. El 16 de junio de 1276 se produjo una nueva composición entre el obispo de Évora, Don Durando, el Cabildo de Évora y el maestre de Avis, Simão Soares, sobre los beneficios de la iglesia de Juromenha<sup>147</sup>. El 16 de enero de 1347 se firmó una nueva composición entre el obispo de Évora, Don Martinho, y el maestre de Avis, João Rodrigues, sobre la provisión del priorato de la Iglesia de Santiago de Juromenha para el cual la orden había nombrado a uno de sus profesos (Vasco Afonso)<sup>148</sup>. Por último, el 14 de diciembre de 1396 se firmó una carta de colación dada por el obispo de Évora, Gonçalo Egídio, como rector de la iglesia de Santa María de Juromenha y la capilla anexa de Santa María de Alandroal<sup>149</sup>.

Podemos concluir con Carlos Eduardo Da Cruz Luna que:

*«...As suas terra [de Juromenha] ficaram dentro da área atribuída à Ordem de Avis.*

*Sem dúvida que no século XIV teve assinalável importância, nela se efectuando três casamentos reais: o de D. Afonso IV com D. Beatriz de Castela, ainda no século XIII e a rematar o já citado Tratado de Alcañices; o de D. Maria de Portugal com Afonso XI de Castela em, 1328; e o de D. Pedro I com D. Constança de Castela em 1340.*

*Durante a crise de 1383-1385, Juromenha não parece ter desempenhado nenhum papel de realce, pois raramente é referida, o mesmo ocorrendo no século XV.*

*Podemos, todavia, estar a ser enganados por eventual destruição de documentos. De qualquer forma, não deverá ter perdido importância, pois D. Manuel I concedeu-lhe, em Lisboa, novo Foral, em 15 de Setembro de 1512...»<sup>150</sup>*

Dada su posición fronteriza, la fortificación debió ser reparada y guarnecida tras la conquista, y su protagonismo en las luchas con Castilla fue constante. Así, en junio de 1337, las tropas castellanas de Alfonso XI entraron Portugal y pusieron sitio a Elvas durante dos días. Después se dirigieron a Arronches, Assumar, Veiros, Vila Viçosa, Juromenha y Olivença para más tarde

---

145 GAMA, E.: *Catálogo dos livros Parroquiais da Biblioteca Municipal de Elvas*, Academia Portuguesa de la História, Lisboa, 1980, p. 191; FITAS, A.P.: *Olivença e Juromenha uma história por contar*, Edições Colibri, Lisboa, 2007, p. 125.

146 IAN/TT, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, mç. 2, n.º 122, *Carta de composição entre D. Martinho, bispo de Évora e D. Martinho Fernandes, mestre da Ordem de Avis sobre a divisão dos rendimentos e a apresentação dos beneficiados de Coruche e Juromenha.*

147 IAN/TT, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, mç. 2, n.º 129, *Carta de composição entre D. Durando, bispo de Évora e o Cabido de Évora e, de outra parte, D. Simão Soares, mestre da Ordem de Avis sobre provimento de benefícios, dízimos e outros nas igrejas de Beja, Cuba, Estremoz, Avis, Cabeção, Cano, Sousel, Benavila, Figueira, Benavente, Borba, Seda, Alparração, Pedroso, Fronteira, Vide, Veiros, Coruche, Juromenha, Ramalhão, Vila Viçosa e Alandroal.*

148 IAN/TT, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, mç. 4, n.º 371, *Carta de composição entre D. Martinho, bispo de Évora e frei João Rodrigues, mestre da Ordem de Avis, e seu convento, sobre o provimento do priorado da igreja de Santiago de Juromenha, para o qual a Ordem havia nomeado um seu professo, frei Vasco Afonso.*

149 IAN/TT, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, mç. 6, n.º 598, *Carta de colação, dada por D. João, bispo de Évora, a Fr Gonçalo Egídio, como reitor da igreja de Santa Maria de Juromenha e da capela anexa de Santa Maria do Alandroal.*

150 DA CRUZ LUNA, C. E.: «Historia e declínio de tres povoações na fronteira», *op. cit.*, p. 831.

regresar a Badajoz. Las fortalezas de Veiros y Juromenha contaban con fuerzas de la orden de Avís, pero no acosaron a los castellanos<sup>151</sup>.

En otras ocasiones fue lugar de encuentro entre los reinos de Portugal y Castilla. En efecto, poco después de la incursión de Alfonso XI, se reunieron en Juromenha los monarcas de Castilla, Alfonso XI, y Portugal, Afonso IV, para ajustar una alianza contra los musulmanes que culminó en la Batalla del Salado (30 de octubre de 1340).

El carácter de plaza fuerte queda de manifiesto en varios documentos. Uno de ellos es el inventario que la orden de Avís comenzó en 1364 tras la muerte del maestre Martim Avelar<sup>152</sup>. Según João Gouveia Monteiro, dicho inventario incluía abundante armamento en el castillo<sup>153</sup>.

A finales del siglo XIV, Juromenha se encontraba despoblada «*por razom da guerra*»<sup>154</sup>. João I creó varios *coutos de homiciados* para repoblar y mejorar la defensa de la zona. El de Juromenha se creó en 1388 para 50 homiciados, pero dada la persistencia de la guerra la medida no resultó tan efectiva como se esperaba<sup>155</sup>. Así mismo, João I otorgó, el 31 de enero de 1405, una carta de merced a la orden de Avis para que todos aquellos que tenían bienes en Juromenha y *Cabeção* y se habían ausentado a causa de la guerra volviesen y se ocuparan de ellos. Si en el plazo de 4 meses no lo hacían, la orden los perdería, y el Rey los daría en sesmería a quien los solicitara<sup>156</sup>.

El 11 de noviembre de 1431 el rey João I confirmó al comendador de la orden de Avís en Juromenha los privilegios que habían sido concedidos por los anteriores reyes en el abono de ciertos *portagens*<sup>157</sup>. Por otro lado, el 22 de abril de 1473 Don Manuel I confirmó los privilegios concedidos por Alfonso V<sup>158</sup>.

---

151 GOMES MARTINS, M.: *A arte da guerra em Portugal: 1245 a 1367*, Imprensa da Universidade de Coimbra, F.C.T., 2014, p. 192 y 551.

152 IAN/TT, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, mc. 5, n.º 595, *Inventário dos bens móveis e imóveis da Ordem de Avis, ao tempo da morte do mestre D. Martim do Avelar, existentes em Alcanede, Benavente, Borba, Lisboa, Alenquer, Coruche, Avis, Fronteira, Veiros, Serpa, Moura, Noudar, Beja, Olivença, Alandroal, Juromenha, Vila Viçosa, Casal, Várzeas, São Vicente da Beira, Vila Chã, s Martinho, Lageosa, Vila Nova, Leiria, Coimbra, Pernes e outros*.

153 THEMUDO BARATA, M.; SEVERIANO TEIXEIRA, N. (directores): *Nova história militar de Portugal*, vol. I, Círculo de Leitores, 2003, p. 190.

154 BAQUERO MORENO, H.: «Elementos para o estudo dos coutos de homiciados instituídos pela coroa», *Os municípios portugueses nos séculos XIII a XVI. Estudos de História*, Porto, 1986, p. 114; DE LA MONTAÑA CONCHIÑA, J.L.: «Vida rural, ganadería y comercio en la frontera castellano-portuguesa. El sector extremeño (siglos XIII-XV)», *Revista de Estudios Extremeños*, LXX-2, Excma. Diputación Provincial, Badajoz, 2014, pp. 902 y 903.

155 VERÍSSIMO SERRÃO, J.: *História de Portugal (1080-1415)*, 5ª Edición, Editorial Verbo, 1995, p. 332. En 1477 alcanzó el privilegio de contar con 30 homiziados privilegio que volvió a ser confirmado en 1483 y 1496 (FITAS, A.P.: *Olivença e Juromenha uma historia por contar, op. cit.*, p. 126); MALDONADO DE VASCONCELOS CORREIRA, L. M.: *Castelos em Portugal. Retrato do seu perfil arquitectónico (1509-1949)*, 2ª edición, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011, p. 69.

156 IAN/TT, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, mc. 8, n.º 742, *Carta de mercê de D. João I, rei de Portugal, à Ordem de Avis, para que aqueles que tinham bens em Juromenha e Cabeção e se tinham ausentado das terras por causa da guerra voltassem e se ocupassem de seus bens e, se não o fizessem em 4 meses, a Ordem poderia dá-los em sesmaria a quem os pedisse*.

157 IAN/TT, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, mc. 9, n.º 800, *Carta de confirmação de D. João I, rei de Portugal, ao comendador da Ordem de Avis em Juromenha, para que mantivesse os privilégios que lhe haviam sido concedidos pelos reis seus antecessores no pagamento de certas portagens*.

La fortificación fue reforzada, mejorada y reparada en numerosas ocasiones. Entre las obras más ambiciosas destacan:

- El forro de mampostería de buena parte de las torres y cortinas
- La barbacana semicircular que cubre la puerta norte
- Las troneras del tipo cruz y orbe destinadas a nuevas armas de fuego.

Es complicado fechar dichas obras. Algunas pudieron ejecutarse bajo el dominio de la Orden de Avis. En este sentido hemos de llamar la atención sobre el tramo de pizarra dispuesto en forma de «*opus spicatum*» que es muy habitual en la fortificación de Avis, si bien, en Juromenha algunos paramentos de «*opus spicatum*» pueden ser islámicos. Por otro lado, se ha considerado que los forros de mampostería de las torres son medievales y levantados por los cristianos, si bien, no hemos detectado el esgrafiado en forma de pequeños sillares tan recurrente en las fortificaciones portuguesas (Albuquerque, Azagala, Vila Viçosa, Alandroal, Olivenza, Estremoz, santuario de Boa Nova, etc.).

Así mismo, una parte de los forros de pizarra son modernos, pues no aparecen en la vista y planta del castillo que realizó Duarte de Armas a comienzos del siglo XVI. Sospechamos que buena parte de ellos fueron construidos durante la guerra de la Restauración (1640-1668).

Don Dinis I (1279-1325) ordenó reedificar el castillo y otorgó carta foral a la población (1312)<sup>159</sup>. Fernando Branco apunta que a partir de esa fecha la fortaleza experimentó algunas obras de restauración y sostiene que

*«...As torres 10 e 11 [torres L y M], bem como os panos de muralha a elas ligados ter sido bastante refeitos nessa altura, sobretudo a torre 10, a mais alta do recinto (se exceptuamos a desaparecida Torre de Menagem) esta mesma torre, maciça, que aparenta exteriormente ser em alvenaria, pode não passar de uma mais antiga torre em taipa revestida exteriormente, já em época cristã, de um aparelho diferente. Aliás a torre 12 [torre N], ladeando a antiga entrada sul do recinto medieval, é um exemplo de como um aparente aparelho em alvenaria de xisto esconde, no seu interior, vestígios mais antigos. Na verdade o seu interior é em taipa, com uma constituição extremadamente semelhante à da muralha norte...»<sup>160</sup>*

Durante el reinado de D. Manuel la fortificación también experimentó algunas modificaciones<sup>161</sup>.

---

158 IAN/TT, Chancelaria de D. Manuel I, liv. 28, f. 76v, *À vila de Juromenha, confirmação de privilégios inseridos numa carta de D. Afonso V, aqui inclusa e feita por Estevão Fernandes em Évora a 22 de abril de 1473.*

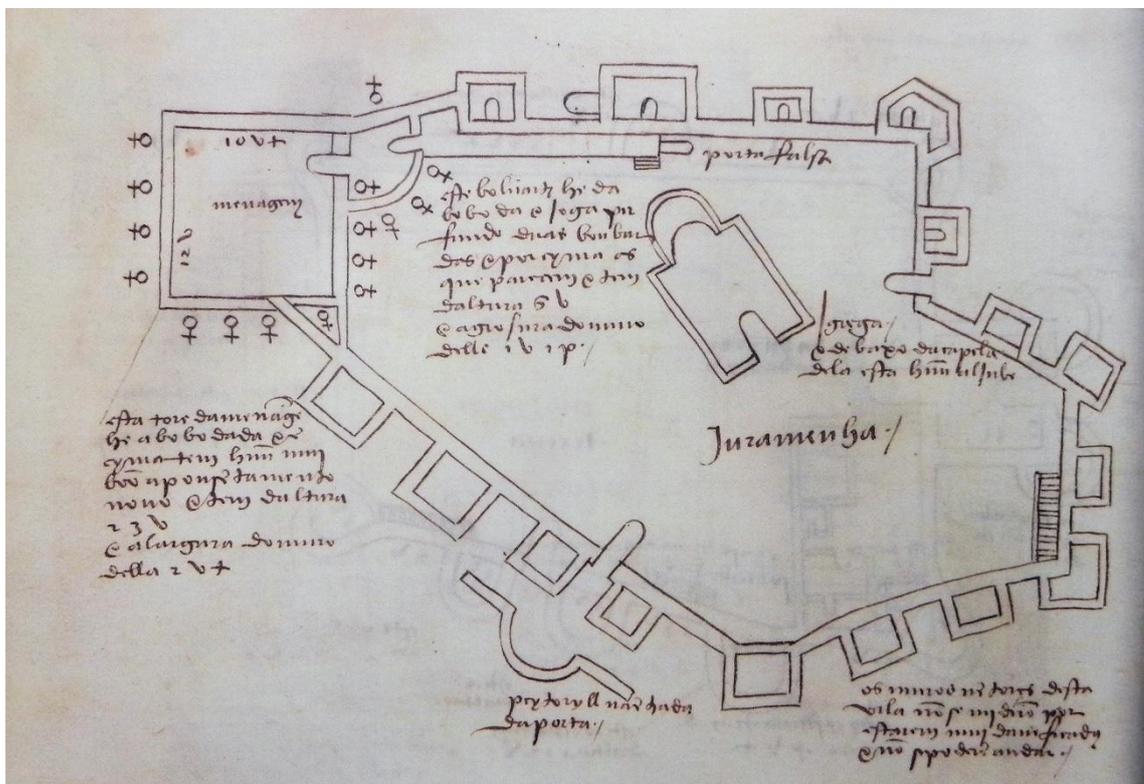
El 30 de enero de 1453 el Rey Afonso V resolvió acerca de los capítulos que le presentó el concejo de Alandroal contra el comendador mayor de la orden de Avis, Garcia Rodrigues de Sequeira, y su hijo, Fernão Rodrigues, que era comendador de Juromenha (IAN/TT, Ordem de Avis e Convento de São Bento de Avis, mç. 7, n.º 700, *Resolução de D. Afonso V, rei de Portugal, sobre os capítulos que lhe foram apresentados pelo concelho e homens-bons do Alandroal contra Garcia Rodrigues de Sequeira, comendador-mor da Ordem de Avis e Fernão Rodrigues, seu filho, comendador de Juromenha*).

159 BRANCO CORREIA, F.: «O castelo de Juromenha- influencias islâmicas e cristãs» *Callipole 2*, Camara Municipal de Vila Viçosa, 1994, p. 27; BRUNO, P: *A Fortaleza de Juromenha. Contributo para o estudo e a conservação da muralha islâmica de taipa militar*, Lisboa, 2006, p. 13.

160 BRANCO CORREIA, F.; PICARD. C.: «Intervenção arqueológica no castelo de Juromenha», *op. cit.* p. 74.

161 BRANCO CORREIA, F.: «O castelo de Juromenha- influencias islâmicas e cristãs», *op. cit.*, p. 27.

Los dibujos de Duarte de Armas nos presentan la mejor imagen del conjunto amurallado de Juromenha. Duarte de Armas recorrió la frontera a comienzos del siglo XVI dibujando las fortalezas rayanas, y nos ha dejado tres magníficas imágenes del «castillo»<sup>162</sup>.



**Fig. 22. Planta de Juromenha según Duarte de Armas (DE ARMAS, D.: *Livro das fortalezas*, Int. Manuel da Silva Castelo Branco, Archivo Nacional da Torre do Tombo e Edições INAPA).**

162 DE ARMAS, D.: *Livro das fortalezas*, Int. Manuel da Silva Castelo Branco, Archivo Nacional da Torre do Tombo e Edições INAPA.

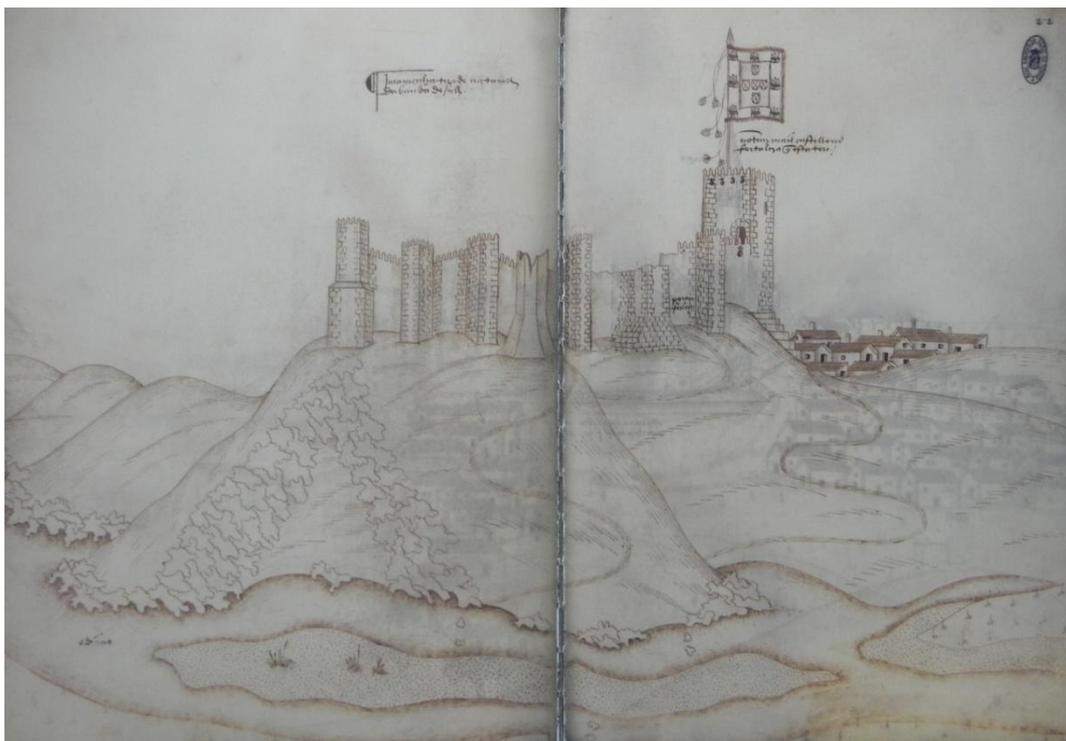


Fig. 23. Vista de Juromenha desde el Sur según Duarte de Armas (DE ARMAS, D.: *Livro das fortalezas*, Int. Manuel da Silva Castelo Branco, Archivo Nacional da Torre do Tombo e Edições INAPA).



Fig. 24a. Vista de Juromenha desde el Norte según Duarte de Armas (DE ARMAS, D.: *Livro das fortalezas*, Int. Manuel da Silva Castelo Branco, Archivo Nacional da Torre do Tombo e Edições INAPA).



**Fig. 24b. Copia de Brás Pereira, 1642 (B.N.P., Lisboa, Reservados, IL.192 CFK).**

La fortaleza contaba con 17 torres (16 cuadradas y una torre poligonal en el ángulo SW), pero, a diferencia de otros castillos del entorno, no tenía barrera exterior. En el interior destaca el reducto defensivo formado en el extremo oriental de la fortaleza. El reducto incluía la torre del Homenaje y el «baluarte» o fortificación construida delante de la puerta de aquella.

Para entender la compartimentación intramuros debemos apuntar dos aspectos fundamentales:

- El recinto Oriental era el único espacio estrictamente militar, pues la mayor parte de la fortaleza estaba ocupada por edificios civiles (casas da câmara), religiosos (iglesia de N<sup>ra</sup>. Sra de Loreto), cisterna, algunas viviendas de vecindario, etc. Al mismo tiempo, el recinto debía marcar una nítida separación física entre la autoridad y la población.
- Buena parte del recinto fortificado de Juromenha se encontraba en muy mal estado, de modo que solo la torre del Homenaje tenía valor militar. Así, Duarte de Armas cuando se refiere a ella señala «Não tem mais castelo, nem fortaleza, que esta torre». El «baluarte» mejoraba las defensas de la torre, y formaba con ella un reducto militar en caso de peligro.

No debemos confundir el «baluarte» adosado a la torre con el baluarte clásico que definió un nuevo tipo de arquitectura militar (abaluartada). En efecto, el «baluarte» de Juromenha tenía planta redondeada y se componía de un muro de 6,6 m de altura por 1,30 de ancho<sup>163</sup>. Es

163 THEMUDO BARATA, M.; SEVERIANO TEIXEIRA, N. (directores): *Nova história militar de Portugal*, vol. I, Círculo de Leitores, 2003, pp. 368-369.

decir, el «baluarte» se levantó para proteger la puerta de la torre del Homenaje y al tiempo separarla del resto de la fortificación delimitando un reducto dentro del castillo <sup>164</sup>.

La configuración del «baluarte» es extraña. El único acceso se encontraba en el adarve que a su vez comunicaba con la planta superior de la torre como podemos ver tanto en la planta de la fortaleza como en la vista tomada desde el río.

Duarte de Armas muestra «baluartes» en nueve fortalezas (Castro Marim, Mértola, Sabugal, Vilar Maior, Almeida Castelo Rodrigo Outeiro de Miranda, Montealegre y Monção). Dichos «baluartes» no se ajustan a un modelo reconocible, si bien, todos ellos están diseñados para el empleo de artillería pirobalística, y se adosaron a obras existentes para reforzarlas. Según João Gouveia Monteiro y Mário Jorge Barroca parecen ser una evolución de las barbacanas de las puertas <sup>165</sup>.

Edison Bisso Cruxen destaca que el término «baluarte» incluye obras de distinto tipo:

*«...trechos de barreiras, muralhas ou cubelos; semicirculares, quadros ou poligonales. Villena (1992), Nunes (1991) e Mora-Figueroa (1996) chamam a atenção para a grande polissemia que os componentes arquitetônicos assumiam, em uma lógica constructiva pouco normalizada em um período em que mal começavam a ser constituídos os primeiros tratados sistematizados de arquitetura militar na Itália...»* <sup>166</sup>

Varias poblaciones del entorno de Juromenha contaron con «baluartes». Así, a partir de 1465, Hernán Gómez de Solís construyó una casa fuerte en la Alcazaba de Badajoz. Dicha casa fuerte contó con elementos calificados como «*baluartes*», aunque solo aparecen citados y no es fácil identificar el tipo de fortificación al que se refieren. Dichos «baluartes» se construyeron entre 1465 y el 4 de enero de 1470 <sup>167</sup>. A comienzos de la década de 1470 el duque de Alba ordenó construir una «*fuerça o baluarte*» en Coria (Cáceres) «*delante de la puerta de la barrera de dentro de a çibdad*» <sup>168</sup>. Por otro lado, en 1525 la actual puerta del Capitel de la Alcazaba de Badajoz se nominaba «*puerta del baluarte del Castillo*» <sup>169</sup>.

Las puertas de Olivenza y Évora de la cerca medieval de Elvas contaron con sendos «baluartes». Así, en 1504, se abonaron 400 rs. a Vicente Alvares y a Pedro Caldeira por «*calçarem o baluarte da porta d’Olivença que el Rei mandou calçar*» <sup>170</sup>. En otro documento,

---

164 NUNES PIRES, A.: *Diccionario temático de arquitectura militar e arte de fortificar*, Estado Maior do Exército, Direcção do Serviço Histórico Militar, Lisboa, 1991, pp. 45-47; MORA-FIGUEROA, L.: *Glosario de arquitectura defensiva medieval*, Ministerio de defensa, 3ª Edición, 2006, p. 47.

165 GOUVEIA MONTEIRO, J.: *Os Castelos Portugueses dos finalis da Idade Média*, Edições Colibrí, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1999, p. 42; THEMUDO BARATA, M.; SEVERIANO TEIXEIRA, N. (directores): *Nova História militar de Portugal*, vol. I, Círculo de Leitores, 2003, p. 369.

166 BISSO CRUXEN, E.: *A (Re)construção de representações de uma paisagem fronteriza fortificada em transição: o Livro das fortaleza de Duarte de Armas, (1509 Portugal/Castela)*, Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Facultad de Filosofía y Ciencias Humanas, Programa de Pós-Graduação em Historia, Porto Alegre 2015, p. 168.

167 ALTIERI SÁNCHEZ, J.; SÁNCHEZ RUBIO, C.; MELÉNDEZ TEODORO, A.: *En el castillo de esta ciudad a la Puerta del Alpendiz*, Excmo Ayuntamiento de Badajoz, Tecnigraf, Badajoz, 2013, pp. 16-17.

168 COOPER, E.: *Castillos señoriales en la Corona de Castilla*, p. 165.

169 GONZÁLEZ GONZÁLEZ, J. M.: *La Plaza Alta de Badajoz. Estudio histórico y artístico*, Archivo Histórico provincial de Badajoz, Junta de Extremadura, Badajoz, 2006, p. 80.

170 D’ALMADA, V.: *Elementos para um dicionario de geographia e historia portugueza*, Câmara Municipal de Elvas, Colibrí, 2013, vol. III, p. 74.

fechado el 5 de junio de 1584, se menciona el «baluarte» de la puerta de Évora que además tenía un revellín <sup>171</sup>.

También se citan baluartes en las fortalezas de Llerena (1474-1493), Hornachos (1494, 1498, 1515 y 1544), Jerez de los Caballeros (1498), Alcazaba de Mérida (1498), Barcarrota (1535), iglesia de Valverde de Leganés (1512), Portezuelo (1544), Piedrabuena (1547) y más tardíamente en Magacela (1619) <sup>172</sup>. Especialmente interesante resulta la carta que el comendador de Herrera dirigió al Rey en 1567 solicitando realizar reparaciones en la fortaleza. En ella se informaba que

*«...El Rey había dado Provisión para que se derribasen tres cubos de piedra huecos y dos barreras de piedra y barro y que en lugar de dichos cubos se hiciesen unas torres quadradas y junto con ellas sus baluartes, y se quitase un revellín que estaba delante de la puerta...»*<sup>173</sup>

La construcción de «baluartes» se relaciona con el progreso de las armas de fuego que forzó a modificar y adaptar las fortificaciones medievales tanto para defenderse de ellas como para incorporarlas en su propia defensa. El uso de la pólvora con fines militares está documentado por primera vez en la Península en el sitio de Huéscar (1325), en los ataques de Mohamed IV de Granada contra Alicante y Orihuela (1331) y especialmente en los asedios de Tarifa (1340) y Algeciras (1342-1344). En Portugal el uso de pólvora está documentado en la crisis de 1383-1385 (sitios de Lisboa y Almada en 1384 y batalla de Aljubarrota, 14 de agosto de 1385) <sup>174</sup>.

El rey João II fue el gran impulsor de la artillería pirobalística y promovió en 1488 un amplio programa de reforma y refuerzo de las estructuras militares

*«...mandou prover, fortalecer e repartir toda las cidades, villas e castelos dos extremos de seus reynos, assim no repairo e defensam dos baluartes, cavas, muros e torres como en artilharias, polvora salitre, armas, almazens e todas las outras cousas necesarias...»*  
<sup>175</sup>

Podemos concluir que la utilización de bombardas para la defensa de las fortalezas está documentada en la crisis de 1383-85, pero su generalización se produjo en la segunda mitad del siglo XV, y sobre todo a finales de siglo <sup>176</sup>.

---

171 D'ALMADA, V.: *Elementos para um dicionario de geographia e historia portuguesa, op. cit.*, p. 74.

172 GARRIDO SANTIAGO, M.: *Arquitectura militar de la Orden de Santiago en Extremadura*, Editora Regional de Extremadura, Mérida, 1989, pp. 154, 156, 158, 161 y 189; GARRIDO SANTIAGO, M.: «Notas sobre la fortaleza santiaguista de Mérida antes de ser conventual», *Norba/Arte*, VI, Universidad de Extremadura, Cáceres, 1985, pp. 49 y 55; NAVARREÑO MATEOS, A.: *Aportaciones a la historia de la arquitectura en Extremadura. Repertorio de artistas y léxico de alarifes*, Universidad de Extremadura, Cáceres, 1988, p. 77; MÉNDEZ VENEGAS, E.: *Xerez cerca de Badajoz y sus valles-s.XV-*, Autoedición, 1998, p. 113; COOPER, E.: *Castillos señoriales de la Corona de Castilla, Junta de Castilla y León*, Consejería de Cultura y Turismo, Salamanca, 1991, p. 1138.

173 NAVAREÑO MATEOS, A.: *Arquitectura militar de la Orden de Alcántara en Extremadura*, Consejería de Educación y Cultura, Junta de Extremadura, Salamanca, 1987, p. 171. Las obras se ejecutaron, y en 1569 estaban muy avanzadas.

174 BARROCA, M. J.: «Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521)», *Portvgalia*, Nova Serie, vol. XXIV, 2003, p. 95.

175 MOREIRA, R.: «A Arquitectura Militar como factor de inovação», *Historia da Arte em Portugal*, vol. II, Lisboa, 1995, p. 327; BARROCA, M. J.: «Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521)», p. 96.

176 GOUVEIA MONTEIRO, J.: *Os Castelos Portugueses dos finalis da Idade Média*, Edições Colibrí, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1999, p. 44.

Según Mário Jorge Barroca, durante el reinado de Don Manuel se produjo un gran avance en el diseño y construcción de elementos adaptados al uso de la artillería. Se trataba de unos dispositivos llamados bastiones que se construían en los ángulos de las fortificaciones y estaban dotados de cañoneras para flanquear las cortinas. En algunas ocasiones estos dispositivos aparecen nombrados como «baluartes». Los hermanos Arruda (Diego y Francisco) fueron los grandes ingenieros del momento. Mário Jorge Barroca sitúa el primer ejemplo en el castillo de Portel, donde Francisco de Arruda trabajó en 1510 <sup>177</sup>.

Si nos centramos en el baluarte de Juromenha, Duarte de Armas señala:

«este baluarte he d'abobada e joga por fundo duas bombardas e por cyma as que parecem [a planta representa três troneiras, más é de interpretação duvidosa] e tem d'altura 6 varas e a grossura do muro dele 1 vara e i pé» <sup>178</sup>

Añade que presentaba un pequeño muro de protección (*peytoryll*) frente a la puerta.

Es decir, el baluarte estaba abovedado, y en el piso bajo había dos bombardas y tres en el superior. Todas las troneras del baluarte, y del castillo en general, eran del tipo Cruz y Orbe. Luis de Mora-Figueroa plantea que este tipo de troneras se generalizó en la segunda mitad del siglo XV y responden a la necesidad de adaptar las defensas medievales a la artillería pirobalística <sup>179</sup>. En todo caso y, como ya hemos dicho, João Gouveia Monteiro precisa que la generalización del uso de lombardas se produjo en la segunda mitad del siglo XV y sobre todo a finales del mismo, aunque su utilización para la defensa de las fortalezas está documentada en la crisis de 1383-85 <sup>180</sup>.

La pieza clave del reducto defensivo era la torre del Homenaje que, según Duarte de Armas, era la principal defensa del castillo <sup>181</sup>. No obstante, llama poderosamente la atención la gran diferencia entre la torre dibujada por Duarte de Armas y la torre conservada en la actualidad (torre de los *Spolia*) ¿Cómo explicar la diferencia entre una y otra?. Patricia Bruno señala que

«...Considerando correctas as proporções desenhadas por Duarte de Armas, poder-se á levantar a hipótese de a menagem seicentista ter sido edificada sobre esta torre visível, de menores dimensões, certamente anterior ao troço de muralha Nascente da fortaleza...» <sup>182</sup>

En el mismo sentido se ha pronunciado Fernando Branco:

---

177 BARROCA, M. J.: «Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521)», *op. cit.*, p. 102-103.

178 THEMUDO BARATA, M.; SEVERIANO TEIXEIRA, N. (directores): *Nova história militar de Portugal*, vol. I, Círculo de Leitores, 2003, p. 367.

Otros autores señalan que el grueso del muro era de una vara y un pie (DE ARMAS, D.: *Livro das fortalezas*, Caledoscópio, Academia Internacional de Cenografía, Câmara Municipal da Idanha-a-Nova, p. 357).

179 MORA-FIGUEROA, L.: *Glosario de arquitectura defensiva medieval*, Ministerio de Defensa, 3ª Edición, 2006, p. 223.

180 GOUVEIA MONTEIRO, J.: *Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média*, Edições Colibrí, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1999, p. 44.

181 BRANCO CORREIA, F.: «O castelo de Juromenha- influencias islâmicas e cristãs», *Callipole 2*, Vila Viçosa, 1994; BRUNO, P.: A Fortaleza de Juromenha. Contributo para o estudo e a conservação da muralha islâmica de taipa militar, Lisboa, 2006, p. 14.

182 BRUNO, P.: A Fortaleza de Juromenha. Contributo para o estudo e a conservação da muralha islâmica de taipa militar, Évora, 2000, p. 14.

«...A torre que hoje vemos implantada nesta zona apresenta, em relação à desenhada por Duarte D'Armas, diferenças sensíveis; não é tão alta, é toda maciça e não mostra vestígios de um compartimento superior. No entanto, o que hoje é visível pode, muito bem, corresponder ao que resta da referida Torre de Menagem, após uma terrível explosão que teve lugar em 1659. Essa explosão pode ter destruído a parte superior da torre, tendo restado unicamente a inferior, mais firme e maciça.

Mas esta torre suscita outras questões. A sua face NO apresenta vestígios de uma outra parede bastante grossa, saliente e perfeitamente paralela à referida face. Parece ter habido uma outra construção mais volumosa, no mesmo local.

Assim sendo, é de pôr a hipótese de estarmos perante uma torre muito antiga, alargada, aumentada e alterada durante o período cristão, para servir de Torre de Menagem. A explosão atrás referida, poderia ter destruído as obras mais recentes, deixando visíveis a torre mais antiga e o arranque da ampliação posterior...»<sup>183</sup>

Como hemos adelantado, creemos que la estructura cuidadosamente cortada que se aprecia en la base de la torre de los *Spolia* puede corresponderse con una obra más antigua, pero también con las zarpas que muestra Duarte de Armas. Si esta hipótesis se confirma, resultaría evidente que, pese a las diferencias entre la torre de los *Spolia* y la torre dibujada por Duarte de Armas, se trataría de la misma obra y, por tanto, Duarte de Armas sobredimensionó la torre en lo que a su longitud y anchura se refiere.

La torre fue construida con mampostería dispuesta en hiladas. En la fábrica se utilizaron *spolia* romanos y visigodos. Duarte de Armas muestra que la torre tenía planta ligeramente rectangular, con 12 varas la cara frontal y 10 varas y media el flanco. El muro tenía 2 varas y media de ancho, y la torre alcanzaba las 23 varas de altura, aunque hoy su altura es menor.

En la vista sur podemos apreciar que se levantaba sobre seis zarpas para asegurar la estructura. Buena parte de las zarpas de la base han quedado soterradas por el terraplén del baluarte *do Porto Seco*.

Es posible que la mitad inferior de la torre fuese maciza, pues Luis Marinho señaló que a finales de 1641 la torre «*da homenagem que era terraplenada até o meyo*»<sup>184</sup>. Así mismo, Duarte de Armas no muestra ventanas ni saeteras en la mitad inferior de la torre.

En la vista sur también observamos el acceso a la torre desde el adarve que daba paso a una dependencia situada a nivel del adarve. Sobre ella había otra con una saetera que se abría en la cara sur de la torre. Remataba con una terraza almenada con merlones y albardillas piramidales. El parapeto occidental de la terraza contaba con troneras de cruz y orbe para batir el interior del castillo.

En la vista del lado norte de la torre podemos ver dos saeteras (una en el piso inferior y orientada al oeste y otra en el piso superior y orientada al norte). Curiosamente Duarte de Armas muestra en la planta de Juromenha que la cara norte de la torre contaba con troneras

---

183 BRANCO CORREIA, F.; PICARD, C.: «O castelo de Juromenha-Influências islâmicas e cristãs», *op. cit.*, p. 32; BRANCO CORREIA, F.; PICARD, C.: «Intervenção arqueológica no castelo de Juromenha», *op. cit.*, p. 74.

184 MARINHO D'AZEVEDO, L.: *Commentarios dos valerosos feitos qve os portvgvezes obraram em defesa de sev Rey & patria na guerra de Alentejo*, *op. cit.*, p. 80.

del tipo cruz y orbe, pero estas troneras no aparecen en la vista por lo que solo caben dos opciones:

- Las troneras se situaban en la parte baja y no se apreciarían al quedar ocultas por el caserío del arrabal. Es decir, deberíamos suponer la existencia de una dependencia baja y adosada a la torre actual en la que se situarían las piezas que disparaban por las troneras. Así mismo, dicho elemento podría estar adosado a los lados norte y este de la torre y disponerse a modo de casamata sin que tuviese un posterior desarrollo en altura.
- Una segunda opción, muy plausible, es que sea un error

Una vez que la torre fue recortada en su parte inferior, se adosó a la cara frontal una construcción de la que han quedado evidencias de su cubierta y lo que pudiera ser el arranque de una bóveda. Dicha construcción no aparece en la cartografía que hemos utilizado.

El cuerpo inferior de la torre es una obra islámica, si bien, Duarte de Armas señala que «*é abobada; e em cima tem um muito bom aposentamento novo*»<sup>185</sup>. Es decir, la torre se completó con un aposento nuevo que, por las palabras de Duarte de Armas, pudo construirse en el siglo XV. Dicha obra debe corresponderse con la parte superior de la torre y la terraza en cuyo parapeto encontramos troneras de cruz y orbe. Las tapias que actualmente rematan la torre son posteriores a Duarte de Armas, pues solo pudieron construirse tras la desaparición de las estancias superiores.

La torre se encuentra en un estado muy precario. En efecto, dos grietas recorren longitudinalmente el flanco derecho y la cara frontal. Ambas grietas amenazan con un derrumbe de la esquina NE. Es posible que dichas grietas sean consecuencia de la construcción de las dependencias superiores y la posterior supresión de las zarpas. Resulta preocupante que la futura actuación en el castillo no contemple reparar o al menos consolidar la torre.

Las dos vistas de la fortaleza nos permiten conocer el conjunto fortificado de Juromenha y el arrabal extramuros que aglutinaba a la población que se fue estableciendo fuera del castillo.

La vista norte muestra en primer plano el arrabal (conocido hoy como a *vila*) y una iglesia arruinada que según Duarte de Armas «*Esta igreja se derrubou no tempo da guerra*». Así mismo muestra en torno a ella lo que parece ser el cementerio y el campanario

Llegados a este punto debemos recordar que en los trabajos realizados en la calle *do Miradouro* se han documentado varias sepulturas de cronología medieval (CNS 36135; GPC Proc. S-36135)<sup>186</sup>. Al oeste de la iglesia se levantaba lo que pudiera ser una ermita (Santa Catalina o San Lorenzo)<sup>187</sup>.

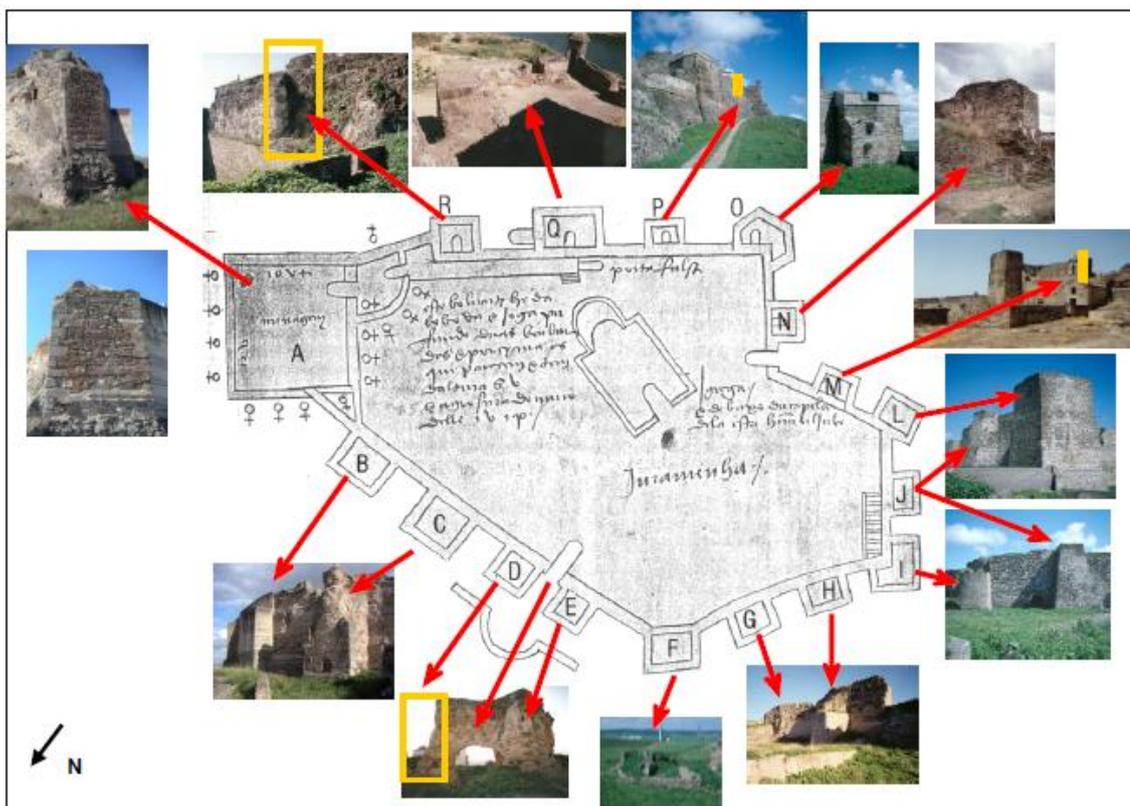
---

185 DE ARMAS, D.: *Livro das fortalezas*, Caledoscópio, Academia Internacional de Cenografía, Câmara Municipal da Idanha-a-Nova, p. 357.

186 DA SILVA ROLO, A. M.: *O mundo funerário romano no Nordeste Alentejano (Portugal)- O contributo das intervenções de Abel Viana e António Dias de Deus*, vol. I, Tesis de doctorado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2018, p. 332, not. 368.

187 Según M. Calado, en San Lorenzo se recogió cerámica común y de construcción de época medieval y posterior. En Santa Catalina se recogió cerámica de construcción y común y una pila bautismal de mármol. Por último, en el «*Poço da Vinha*» se localizó una posible pila bautismal de 12 caras de cronología medieval o moderna.

CALADO, M.: *Carta Arqueológica do Alandroal*, Câmara Municipal do Alandroal, Alandroal, 1993, p. 58.



**Fig. 25. La fortificación de Juromenha según Duarte de Armas (Comienzos del siglo XVI) y estado actual, por Patricia Bruno (BRUNO, P.: *A Fortaleza de Juromenha. Contributo para o estudo e a conservação da muralha islâmica de taipa militar*, Évora, 2000).**

Comenzaremos la descripción de los dibujos de Duarte de Armas con los elementos del frente norte, en el que distinguimos dos tramos:

- La mitad Occidental es mayoritariamente de tapia y estaba muy arruinada. Duarte de Armas señala que «Os muros nem torres desta vila não se mediram por estarem muito danificados e não se poderem andar». Así mismo dos de las torres parecen contar con un cuerpo inferior ataluzado.
- La mitad Oriental parece construida con tapia reforzada con sillería.

Por otro lado, nominaremos las torres con letras como han hecho Fernando Branco y Patricia Bruno<sup>188</sup>. Las cortinas las nombraremos por sus dos torres colaterales. En el frente norte se localizan las siguientes torres y cortinas:

<sup>188</sup> Tanto Patricia Bruno como Fernando Branco han identificado las torres utilizando letras mayúsculas, si bien Patricia Bruno comienza con la torre de los *spolia* (torre A) y Fernando Branco en la torre colateral izquierda de dicha torre (BRUNO, P.: *A Fortaleza de Juromenha. Contributo para o estudo e a conservação da muralha islâmica de taipa militar*, Évora, 2000; BRANCO CORREIA, F.; PICARD, C.: «O castelo de Juromenha-Influências islâmicas e cristãs», *op. cit.*, pp. 27-42). En otro de los trabajos sobre Juromenha, Fernando Branco y Christophe Picard han nominado las torres con números (BRANCO CORREIA, F.; PICARD, C.: «Intervenção arqueológica no castelo de Juromenha. Primeiros resultados», *op. cit.*, pp. 71-89).

- Torre A. La hemos comentado en las líneas anteriores, es posible que esté construida sobre una torre más antigua
- Cortina A-B. Estaba construida con tapial y conservaba el parapeto con sus correspondientes merlones y albardillas piramidales
- Torre B. Fue construida con tapial y conservaba el parapeto incluidos los merlones y las albardillas piramidales
- Cortina B-C. Al igual que la cortina A-B estaba construida con tapia militar y conservaba completo el parapeto, incluidos merlones y albardillas
- Torre C. Su construcción y estado de conservación era idéntico a la torre B
- Cortina C-D. Parece que estaba construida con tapia militar. Conservaba el parapeto con los merlones y albardillas
- Torre D. Idéntica a las anteriores (torres B y C) en lo que a su construcción y conservación se refiere
- Cortina D-E. Estaba construida del mismo modo que las anteriores cortinas

En esta cortina se abría la puerta que contaba con dos hojas y postigo en una de ellas. La entrada estaba flanqueada por dos cubos muy próximos <sup>189</sup>. La puerta guarda similitudes formales, no sabemos si también cronológicas, con las puertas de la Alcazaba de Mérida y el arco *do Miradeiro* de Elvas. Adosado al flanco izquierdo de la torre D se encontraba un banco corrido que pudo servir de asiento al centinela que controlaba la entrada y salida de la fortaleza

La puerta estaba precedida y defendida por un elemento semicircular que Duarte de Armas identifica como «*peitoril na entrada da porta*». Este elemento funciona como una barbacana, y según Basilio Pavón Maldonado es una obra cristiana al igual que el recalzo y revestimiento de mampostería de lajas de pizarra <sup>190</sup>. Dicha barbacana tenía dos pequeñas alas que forzaban un recorrido en recodo, asimismo el «*peitoril*» era mucho más bajo que las murallas del recinto principal lo que permitía realizar fuegos más rasantes al tiempo que la diferencia de altura posibilita la defensa del «*peitoril*» desde el recinto principal, y por tanto una defensa escalonada de la puerta. Pudiera ser la puerta de Elvas

- Torre E. Tanto su construcción como su conservación son idénticas a las anteriores
- Cortina E-F. Parece que estaba construida con tapial y tenía arruinado el parapeto <sup>191</sup>. Es posible que su adarve estuviese escalonado para ajustarse a la pendiente del cerro en este punto
- Torre F. Arrancaba de una base ataluzada. Parece una obra de tapial. La parte superior estaba arruinada por lo que no conservaba el parapeto. En la actualidad es muy difícil de apreciar, pues se utilizó para construir un caballero e instalar en él una batería. (caballero de San Antonio)

---

189 BISSO CRUXEN, E.: *A (Re)construção de representações de uma paisagem fronteiriça fortificada em transição: o Livro das fortaleza de Duarte de Armas, (1509 Portugal/Castela)*, op. cit., p. 76. Fernando Branco y Christophe Picard abrieron un sondeo en esta zona para estudiar la puerta (BRANCO CORREIA, F.; PICARD, C.: «Intervenção arqueológica no castelo de Juromenha. Primeiros resultados», op. cit., pp. 78-81 ).

190 PAVÓN MALDONADO, B.: *Ciudades y fortalezas Lusomusulmanas*, Cuadernos de Arte y Arqueología 5, Agencia Española de Cooperación Internacional, Madrid, 1993, p. 1.

191 BISSO CRUXEN, E.: *A (Re)construção de representações de uma paisagem fronteiriça fortificada em transição: o Livro das fortaleza de Duarte de Armas, (1509 Portugal/Castela)*, op. cit., pp. 63-64.

- Cortina F-G. Parece que estaba construida con tapial. El parapeto se encontraba en mal estado, pero conservaba la mayor parte de los merlones. Asimismo, del dibujo de Duarte de Armas podemos deducir que el adarve estaba escalonado, seguramente para adaptarse a la topografía del cerro.
- Torre G. Tanto su construcción como su conservación son idénticas a las torres B, C, D y E). Apenas quedan restos de ella
- Cortina G-H. Estaba construida con tapial y el parapeto había perdido todos los merlones
- Torre H. Está levantada con tapial y había perdido la parte superior. El forro de mampostería es posterior al dibujo de Duarte de Armas. También se adosó un polvorín (paiol de São Lorenço)
- Cortina H-I. Estaba construida con tapial y conservaba en buen estado el parapeto en el que podemos ver todos los merlones y albardillas. Lo que hemos apuntado para la torre H, lo podemos hacer extensivo a esta cortina
- Torre I. Es idéntica a la torre F, si bien, conservaba el parapeto almenado. La escalinata de acceso al adarve en este sector se realizaba por una escalinata que desembocaba en esta torre. La torre I hace esquina con el frente oeste, y el forro de mampostería de la misma pudiera ser posterior a Duarte de Armas

#### Frente oeste

- Cortina I-J. No se aprecia en la vista de Duarte de Armas. La planta de Duarte de Armas muestra que la escalinata de acceso al adarve en este sector estaba adosada a ella
- Torre J. Tampoco se aprecia en la vista de Duarte de Armas, salvo lo que parece una pequeña sección longitudinal detrás de la torre I
- Cortina J-L. En principio no debería aparecer, pero Duarte de Armas muestra lo que pudiera ser una pequeña parte de la misma. Se aprecia que estaba en muy mal estado. Fernando Branco señala que la muralla de tapia está reparada con mampostería hacia 1312 durante el reinado de Don Dinis
- Torre L. Se levanta sobre una alta zarpa. Conservaba el parapeto almenado completo. En la actualidad es la de mayor porte de la fortificación
- Cortina L-M. Parece estar construida con tapial. Conservaba el parapeto almenado completo
- Torre M. Cubo que parece contar con revestimiento de mampostería. Conservaba el parapeto almenado completo
- Cortina M-N. La puerta del frente Oeste se abría en esta cortina, y por tanto en el centro del gran ángulo entrante que forma el frente Occidental de la fortaleza. Fue descubierta en el curso de las excavaciones realizadas por el equipo luso-francés que excavó Juromenha tras una primera intervención de la Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos

Nacionais <sup>192</sup>. Conserva la caja con sus mochetas. Está flanqueada por una espesa torre que Basilio Pavón considera obra cristiana. En el flanco se construyó una especie de nicho <sup>193</sup>.



**Fig. 26. Puerta Oeste. Vista del paso y caja de la puerta y la torre que la flanqueaba**

- Torre N. Flanqueaba la puerta y conservaba el parapeto almenado completo. Según Fernando Branco el núcleo interior es de tapia, pero conserva un revestimiento exterior semejante a la muralla de mampostería dionisina<sup>194</sup>. La planta de Duarte de Armas nos permite suponer que la torre contó con una cámara superior a la que se accedía desde el adarve.
- Cortina N-O. Duarte de Armas la representa como una obra de tapial. Conservaba el parapeto completo
- Torre O. Se levanta en la esquina formada por los frentes Oeste y Sur. Presentaba planta poligonal y estaba construida con tapial. Al igual que el resto de las torres construidas con este material (torres E y I) se levantaba sobre una base ataluzada. La parte superior de la torre estaba totalmente arruinada. En la actualidad se nos presenta forrada con un revestimiento de mampostería que oculta su fábrica original. El forro es tan potente que se ha configurado como un sólido torreón. Dicho forro es posterior a la obra de Duarte de Armas y entendemos

---

192 BRANCO CORREIA, F.; PICARD, C.: «Intervenção arqueológica no castelo de Juromenha. Primeiros resultados», *op. cit.*, pp. 77-78.

193 PAVÓN MALDONADO, B.: *Ciudades y fortalezas Lusomusulmanas*, Cuadernos de Arte y Arqueología 5, Agencia Española de Cooperación Internacional, Madrid, 1993, p. 1.

194 BRANCO CORREIA, F.: «O castelo de Juromenha- influencias islâmicas e cristãs», *op. cit.*, p. 37.

que al menos una parte del mismo debió añadirse en el contexto de la guerra de la Restauración.

#### El frente Sur

- Cortina O-P. Obra de tapial y parapeto arruinado. Una parte del forro es tardío, pues el plano de Lorenzo Possi lo muestra como arruinado
- Torre P. Tanto su construcción como su conservación son idénticas a las torres B, C, D, E, G, M y N.
- Cortina P-Q. Tanto su construcción como su conservación son idénticas a las de la cortina O-P
- Torre Q. El cuerpo superior estaba arruinado desde la altura del adarve. Su fábrica parece ser tapial con refuerzo en las esquinas y sobre todo en sus dos flancos que pudieran jugar una función similar a la de los alambores. Según Mário Barroca el alambor procede de Oriente Medio y fue introducido en Portugal por el maestre Gualdim Pais en la segunda mitad del siglo XII <sup>195</sup>.

Luis de Mora-Figueroa señala que el alambor podía cubrir una triple función:

- Reforzar la base de la torre (función estructural)
- Mantener a distancia a las máquinas de asalto (defensa pasiva)
- Provocar que los proyectiles lanzados desde la muralla rebotasen en él y tomaran un recorrido más horizontal que literalmente barría a los posibles asaltantes situados en su camino (defensa activa) <sup>196</sup>.

Dada la escasa maniobrabilidad de las máquinas de asalto en este sector, creemos que, en este caso, pudo diseñarse como rebotadero o para asegurar su fábrica.

La planta de Duarte de Armas nos permite suponer que la torre contó con una cámara superior a la que se accedía desde el adarve, si bien dicha cámara y el parapeto de la terraza se habían arruinado

En la torre se abría una puerta falsa que podría tener un doble recodo. Su identificación como puerta falsa nos hace suponer que se trataba de un portillo de servicio y de comunicación con el río.

Actualmente está completamente revestida con un forro de mampostería que ha ocultado la puerta. Dicho forro es posterior a Duarte de Armas y creemos que ya parece reflejado en los planos de Nicolás de Langres, Lorenzo Possi, etc., por lo que deberíamos fecharlo en la guerra de la Restauración.

---

195 BARROCA, M.: «A Ordem do Templo e a Arquitectura Militar Portuguesa do Século XII», *Portvgalia*, Nova Serie, vol. XVII-XVIII, 1998, p. 195; THEMUDO BARATA, M.; SEVERIANO TEIXEIRA, N. (Directores): *Nova História militar de Portugal*, vol. I, Círculo de Leitores, 2003, p. 113; GOUVEIA MONTEIRO, J.: *Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média*, Edições Colibrí, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1999, p. 43, not. 9.

196 MORA-FIGUEROA, L.: *Glosario de arquitectura defensiva medieval*, Ministerio de defensa, 3ª Edición, 2006, pp. 34-35.

- Cortina Q-R. Obra de tapial. El parapeto estaba arruinado en su mitad derecha. Parece adivinarse que estaba escalonado, seguramente para adaptarse a la topografía del cerro.
- Torre R. Tanto su construcción como su conservación son idénticas a las torres B, C, D, E, G, M, N y R. No existen vestigios de ella
- Cortina R-A. Parece una obra de tapial. Conserva el parapeto almenado completo y una tronera del tipo Cruz y Orbe. La buena conservación de esta parte se entiende si tenemos presente que estaba integrada en el reduto del castillo

Todas las torres del frente sur tenían acceso a un piso desde el adarve y deberíamos suponer que sobre este piso estaría la terraza almenada a la que debía accederse por una escalera de mano.

Duarte de Armas también representó la iglesia situada intramuros y añadió «*debaixo da capela dela está um aljube* [sic]». La entrada de la iglesia se situaba en la fachada de los pies (S.W). La actual entrada se abre en el costado NW, por lo que es posterior a la obra de Duarte de Armas.

En el interior del castillo debía existir una trama urbana de la que desconocemos su trazado y características, pero las excavaciones de Fernando Branco y Christophe Picard la sacaron a la luz en algunos sectores. Duarte de Armas tampoco representó la ubicación de otras instalaciones como almacenes, caballerizas, armerías, etc. Con respecto a esta última hemos de recordar que en un inventario realizado por la Orden de Avis, pocos años después de la muerte del maestre Martinho de Alvear (ocurrida en 1362), se da cuenta de la existencia de muchas armas en el castillo de Juromenha<sup>197</sup>. Con todas las reservas pensamos que dichas instalaciones debieron situarse en el reduto del castillo.

En todo caso, Juromenha no se reducía al castillo. Así, Carlos Eduardo da Cruz Luna señala:

«...No Numeramento de 1527-1573, o mais antigo de Portugal, Juromenha surge como tendo 150 fogos (pouco mais de 600 habitantes, ao que se julga), portanto bastante menos que as vizinhas Elvas (1916 fogos, cerca de 7000 habitantes), Alandroal (284 fogos, cerca de 1100 habitantes), Olivença (1053 fogos, cerca de 4000 habitantes), Vila Viçosa (tal vez 800 fogos e cerca de 3000 habitantes), Estremoz (969 fogos, aproximadamente 3200 habitantes) e Borba (600 fogos, cerca de 2300 habitantes). Igualava, todavia, Terena (170 fogos, talvez 650 habitantes)...»<sup>198</sup>

---

197 THEMUDO BARATA, M.; SEVERIANO TEIXEIRA, N. (Directores): *Nova História militar de Portugal*, op. cit., p. 190.

198 DA CRUZ LUNA, C. E.: “Historia e declínio de tres povoações na fronteira”, op. cit., p. 831.